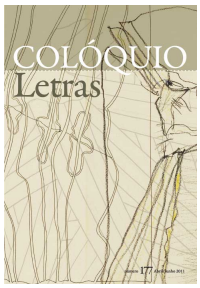

COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: https://coloquio.gulbenkian.pt

[Recensão crítica a 'Londres em Paris. Eça de Queirós e a Imprensa Inglesa', de Teresa Pinto Coelho]

Helena Carvalhão Buescu

Para citar este documento / To cite this document:

Helena Carvalhão Buescu, "[Recensão crítica a 'Londres em Paris. Eça de Queirós e a Imprensa Inglesa', de Teresa Pinto Coelho]", *Colóquio/Letras*, n.º 177, Maio 2011, p. 255-256.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

FUNDAÇÃO
CALOUSTE GULBENKIAN

rios. Ele anuncia o que baptiza de «Diário de Abuxarda», esse *locus amœnus* entre o Estoril e Cascais, onde o *homo viator* Marcello Duarte Mathias, enfim, lançou ferro.

João Bigotte Chorão

ENSAIO

Teresa Pinto Coelho
LONDRES EM PARIS
EÇA DE QUEIRÓS E A IMPRENSA INGLESA
Lisboa, Colibri / 2011

Pomo-nos às vezes a pensar de que forma é possível que autores sobejamente estudados, como é felizmente o caso de Eça de Queirós, nos possam ainda surpreender. A resposta é também ela surpreendentemente fácil: a funda curiosidade intelectual nunca cessa de nos surpreender. E o carácter inesperado do que ela nos dá a ver sobre quem a possui permite-nos não apenas *acrescentar* o que sabíamos, mas mesmo *alterar* o que sabíamos.

No convite para o lançamento do livro de Teresa Pinto Coelho, realizado no Grémio Literário a 31 de Janeiro de 2011, fazia-se referência a um «Eça diferente», um «Eça anglófilo», que nos permitiria rever a imagem talvez demasiado «francizada» do escritor. Esta outra imagem, complementar daquela, não me importa para eventualmente decidir sobre que paradigma competitivo eleger como o modelo queirosiano, se o francês se o inglês. É sempre um pouco caricato assistir, com o grão de sal que o pensamento crítico nos exige, a essas competições nacionalizantes, como por exemplo vai ocorrendo também no caso pessoano. Eça de Queirós, como Fernando Pessoa, foi autor voraz em leituras, conhecimento e curiosidade. E o que importa nele compreender é como essa voracidade inclusiva não a devemos nós nem desconhecer nem amputar.

Este livro de Teresa Pinto Coelho é um contributo decisivo para esse melhor conhecimento. Em primeiro lugar, porque descreve a intensa irradiação que a cultura inglesa continuou a exercer sobre Eça mesmo durante o seu consulado em Paris, e por isso sobre a forma como, no final do século XIX, as fronteiras culturais não são coincidentes nem com as políticas, nem mesmo com as linguísticas. «Londres em Paris» é pois uma feliz expressão — e, se quiséssemos ser ainda mais precisos, poderíamos mesmo dizer «Londres em Paris *em Lisboa*», porque naturalmente a multifacetada personalidade de Eça faz convergir para a «sua» Lisboa, que ele quer cosmopolita e audaz, o ideário tanto londrino como parisiense. Em segundo lugar, importa ainda reconhecer o contributo deste volume por ele se debruçar de forma decidida sobre essa particular forma de modernidade que é a imprensa, e de modo muito especial a imprensa tal como Eça a concebe e pratica: política, cultural e intelectualmente arguta e crítica, capaz em todo o momento de realizar esse peculiar cruzamento com o pensamento artístico que os grandes nomes fazem parecer tão fácil.

Nesta obra de Teresa Pinto Coelho, a imprensa em geral e a imprensa inglesa em particular são vistas como um motor de modernidade, o lugar por excelência onde o seu carácter fluido e móvel melhor encontra a expressão para a sua curiosidade.

São fundamentalmente três os projectos queirosianos aqui seguidos e analisados: a *Revista de Portugal*, publicada entre Julho de 1889 e Maio de 1892; o *Suplemento Literário da Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro, dirigido por Eça entre Janeiro e Junho de 1892; finalmente, o projecto, nunca levado à prática, da revista concebida em parceria com Alberto d'Oliveira

entre 1894 e 1896, *O Serão*. Teresa Pinto Coelho faz aqui algumas escolhas interessantes que eu gostaria de referir: por um lado, atravessa fronteiras nacionais, acompanhando aliás Eça, para quem a imprensa em Inglaterra, Lisboa ou Rio de Janeiro parecia poder cumprir fundamentalmente as mesmas funções e contribuir para o mesmo tipo de intervenção da elite intelectual na sociedade. Por outro lado, a autora coloca ao mesmo nível de análise, de forma correcta para os objectivos de pesquisa que delineara, dois projectos que efectivamente viram a luz do dia, em Portugal e no Brasil, e um outro que nunca saiu da fase de planificação e projecto. Mas o que aqui importa é *o conceito* que a todos eles subjaz; um conceito de imprensa capaz de reflectir, na modernidade, o valor do intelectual curioso e atento que Eça encontrou tanto em Paris como em Londres; e, naturalmente, um conceito de sociedade civil em que periodismo e elite intelectual pudessem encontrar um valor de futuro.

Estes conceitos, caros também ao Eça ficcionista, ficam totalmente iluminados no Eça periodista e intelectual que esta obra coloca em perspectiva. E o papel da imprensa inglesa na complexificação do molde e do conceito queirosianos é aqui esclarecido com um conjunto muito articulado de dados de pesquisa e de análise que nos permitirão acrescentar ao «Eça jornalista», de Elza Miné e Helena Santana, o Eça cosmopolita que a sua estadia inglesa e parisiense tornará ainda mais indelével. Os três projectos objecto de estudo neste volume dão bem conta de uma atmosfera efervescente que não se atém a nenhum modelo nacionalista, mas que a vários combina de forma a rasgar horizontes de um cosmopolitismo decididamente moderno. As críticas evidenciadas em «O Francesismo», ou a extraordinária lucidez, manifestada em inúmeras crónicas queirosianas, sobre a situação do imperialismo britânico e a sua posição no mundo, são apenas alguns dos exemplos dessa insaciável curiosidade queirosiana, a tudo atenta e tudo tentando fazer chegar a esse Portugal onde ele achava que corria «tão pouca água» dos rios do pensamento. A Europa cultural e as suas diversas matrizes atravessam de forma decisiva a imaginação queirosiana sobre o que poderia ser um Portugal mais pensante, conhecedor do passado e virado para o futuro — como continuamos a querer, teimosamente, imaginá-lo hoje.

Helena Carvalhão Buescu

António M. Machado Pires
ROUXINOL E MOCHO
Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda / 2009

Numa fulgurante e subtil síntese teórica, de que só ele tinha o segredo, David Mourão-Ferreira definiu assim o conjunto da obra de Vitorino Nemésio, num livrinho da colecção «O Essencial» da Imprensa Nacional-Casa da Moeda, a ele consagrado[1]: «olhada bem de perto, esta obra tão variada apresenta, afinal, uma unidade profunda. Dois movimentos distintos fundamentalmente a comandam: o da variedade aparente de género para género, dentro de cada género, dentro de certos livros, e o da unidade subterrânea ou submarina — através da qual a própria variedade se articula.»

No essencial, é também esta a visão de conjunto que António Machado Pires tem da obra do genial escritor açoriano, nesta colectânea de textos ensaísticos que datam entre 1979 e 2003. O centro, a unidade temática do livro, está seguramente na ideia de Vitorino Nemésio ter sido simultaneamente «rouxinol e mocho»